

Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos

Das Ding: the most primitive of the êxtimos

Gabriela de Freitas Chediak Seganfredo*

Daniela Scheinkman Chatelard**

Resumo: Esse artigo pretende destacar o neologismo “extimidade” criado por Jacques Lacan, articulando-o ao conceito de *das Ding*, termo recortado por esse autor de um dos primeiros textos de Sigmund Freud e bastante valorizado no estudo da psicanálise. *Das Ding*, enquanto o êxtimo mais primitivo, funcionará como balizador do movimento do sujeito em torno do mundo de seus desejos.

Palavras-chave: *Das Ding*, êxtimo, gozo, real, desejo, psicanálise.

Abstract: *This paper intends to highlight the neologism “extimidade”, created by Jacques Lacan, relating it to the concept of das Ding, a highly appreciated expression in psychoanalysis studies, which was extracted by that author from one of Sigmund Freud’s first papers. Das Ding, while being the most primitive “êxtimo”, works as a referring guide of the subject’s movements around his own world of desires.*

Keywords: *Das Ding, êxtimo, enjoyment, real, desire, psychoanalysis.*

* Psicanalista, membro da Associação Lacaniana de Brasília, doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura/Universidade Federal de Brasília-UnB (Brasília-DF-Brasil).

** Psicanalista, membro da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, docente do Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura/Universidade Federal de Brasília-UnB (Brasília-DF-Brasil).

Êxtimo é um neologismo criado por Lacan para indicar algo do sujeito que lhe é mais íntimo, mais singular, mas que está fora, no exterior. Trata-se de uma formulação paradoxal: aquilo que é mais interior, mais próximo, mais íntimo, está no exterior.

A primeira vez que Lacan parece ter usado este termo foi em 1960, no *Seminário 7: a ética da psicanálise*. Ao falar da arte pré-histórica, diz que é de se admirar que uma cavidade subterrânea com tão pouca iluminação e com tantos obstáculos à visualização, como a caverna, fosse escolhida como o lugar das primeiras produções artísticas. Diz, então, que aquilo com que ele vinha trabalhando ao longo desse seminário “como sendo esse lugar central, essa exterioridade íntima, essa extimidade, que é a Coisa” (LACAN, 1959-60, p. 173) pode nos ajudar a esclarecer a questão da arte nas cavernas. O que faz, então, Lacan criar esse termo tem relação com a Coisa (*das Ding*), termo alemão utilizado por Freud já no início de seus escritos e que será retomado na leitura lacaniana portando uma cifra de grande valor para a psicanálise.

Alguns anos depois, em 1969, no *Seminário 16: de um Outro ao outro*, Lacan retoma esse neologismo para falar do ponto vazio da estrutura. Ao situar o lugar do objeto *a*, nos diz: “[...] ele está num lugar que podemos designar pelo termo ‘êxtimo’, conjugando o íntimo com a exterioridade radical. [...] o objeto *a* é êxtimo”. (LACAN, 1968-69, p. 241). Um dos principais conceitos criados por Lacan, o objeto *a*, é êxtimo.

Apesar de o termo surgir textualmente apenas nesses dois seminários de Lacan, a ideia que ele porta parece percorrer toda a extensão da psicanálise, marcando o devir do sujeito. Está na origem, em *das Ding*. Marca o lugar do objeto *a*, operador da estrutura, ponto de real onde o mais íntimo está lançado fora, no exterior. Carrega consigo a essência da psicanálise.

Para tentar entender a estrutura do sujeito, Lacan, em certo momento de seu ensino, parte para o estudo da topologia. No *Seminário 9: a identificação* (1961-62), introduz a figura do toro para localizar ali a função do sujeito. O sujeito ex-siste, nos dirá Lacan. Existe primeiro fora, no discurso do Outro. O Outro aparece, então, como o êxtimo do sujeito. Em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), Lacan vai falar de uma “excentricidade radical de si em si mesmo com que o homem é confrontado” (LACAN, 1957, p. 528). Ou seja, o centro do homem, o mais íntimo de si mesmo, está exterior a ele. A seguir, continua falando de uma inegável heteronomia radical

do humano. Freud já a demonstrava ao falar da ferida narcísica com o surgimento do inconsciente: “o homem não é senhor nem em sua própria morada”. Lacan continua com um questionamento: “Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?” (*Ibid.*). “O inconsciente é o discurso do Outro”, “o desejo é o desejo do Outro”, não seriam formas de falar da extimidade intrínseca ao sujeito?

A palavra êtimo nos faz lembrar o *Unheimlich*, o estranho familiar, que Freud usa em seu texto *O estranho* (1919). Ambas parecem carregar certa ambiguidade. Ambas parecem portar a noção de interior e exterior acontecendo juntos. Ambas são capazes de conjugar o fora e o dentro. Ambas apontam para algo da ordem do real. Êtimo: o mais íntimo, o mais particular, o mais interior, mas que está excluído, fora. *Unheimlich*: aquilo que é estranho, estrangeiro e familiar ao mesmo tempo.

Enquanto “fratura constitutiva da intimidade” (MILLER, 2010, p. 17), o falante tem certa dificuldade para aceitar a extimidade como algo seu, pois se revela como o elemento do real que traz consigo as marcas do horror.

Lacan vai buscar em Freud, Kant e Heidegger elementos para se aprofundar na elaboração do conceito de *das Ding*, estudo tão fundamental para a psicanálise. Em Freud, essa palavra aparece já no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]). Para entendermos o conceito de *das Ding* será preciso nos remetermos à experiência do desamparo descrita por Freud nesse mesmo texto.

No início está o desamparo. O bebê humano ao nascer, ao contrário do animal, porta certa prematuridade constitucional, uma insuficiência de recursos físicos e psíquicos para garantir sua sobrevivência no mundo com independência. “Sua existência intra-uterina parece ser curta em comparação com a maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado” (FREUD, 1926[1925], p. 179).

Imerso na prematuração de seu nascimento, o humano, portanto, é incapaz de pôr fim às excitações que lhe acometem, advindas do mundo exterior, e as vive como algo avassalador. Mergulhado nesse estado de desamparo, ele grita. Num primeiro momento, o grito surge como uma forma de descarga motora, mas “nenhuma descarga pode produzir resultado aliviante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão [...]” (FREUD, 1950[1895], p. 431). O grito torna-se, então, o primeiro apelo do

humano, a primeira forma de comunicação. Apelo por um alívio das tensões sentidas como invasivas.

O bebê necessitará, pois, da intervenção de uma “ação específica” (*Ibid.*) para tentar remover o excesso de estímulos que lhe acomete. Sozinho, porém, ele não é capaz de promover essa ação específica. Torna-se necessária uma “ajuda alheia”, nos diz Freud (*Ibid.*), a ajuda do grande Outro, para usar a terminologia de Lacan, para fazer vigorar a ação específica. Daí a célebre frase de Freud: “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (*Ibid.*). Necessitará, portanto, de um objeto que lhe dê amparo, que lhe forneça um suporte e amenize o mal-estar de uma brusca separação. Assim, esse objeto, essa “ajuda alheia”, que terá a função de proteger e aliviar as tensões, será revestido de grande valor e onipotência. Essa situação “cria a necessidade de ser amada que acompanhará a criança durante o resto de sua vida” (FREUD, 1926[1925], p. 179).

Estamos diante do que se chama, em psicanálise, de “Experiência do *Nebenmensch*” ou do Próximo. É importante destacar que este Outro ou este próximo que promoverá a ação específica não é um outro qualquer, não é um outro semelhante, mas alguém que possui um diferencial, que já está submetido ao simbólico. Portando o corte do simbólico, esse próximo, autor da ação específica, não vai dar conta de amenizar toda a avalanche de estímulos que submerge o humano. Algo escapa, resta no real, *das Ding*.

Freud, no *Projeto*, descreve a experiência com o próximo como que se decompondo em dois componentes: “[...] num componente não assimilável (a Coisa) e num componente conhecido do ego através de sua própria experiência (atributos, atividades) – o que chamamos de compreensão” (FREUD, 1950[1895], p. 491). Em outras palavras, a experiência do *Nebenmensch* pode ser dividida em duas partes: uma parte coesa, que não dá conta de tudo, parte que resta no real e que tem relação com *das Ding*; e, a outra que consegue dar conta de promover alguma satisfação e que entra, por isso, no processo de memória, que são as representações. A partir disso, na nossa leitura, entendemos que *das Ding* é aquilo que cai da experiência do sujeito com o *Nebenmensch*. “O *Ding* é o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*” (LACAN, 1959-60, p. 68). Estranho, assustador, resto caído no real do encontro do humano com o próximo.

Trata-se desse interior excluído que, para retomarmos os próprios termos do *Entwurf*, é, deste modo, excluído no interior.

No interior de quê? De algo que se articula, mui precisamente nesse momento, como o *Real-Ich* que quer dizer, então, o real derradeiro da organização psíquica, real concebido como hipotético, no sentido em que ele é suposto necessariamente *Lust-Ich* (LACAN, 1959-60, p. 128).

Marco Antônio Coutinho Jorge (2002) nos esclarece, ao dizer que *das Ding* é o objeto perdido da espécie humana, diferenciando do objeto *a* que é o objeto perdido da história do sujeito. Enquanto o primeiro está ligado à pré-história e, portanto, a um momento mítico, o segundo liga-se à história do sujeito.

Das Ding percorre grande parte do *Seminário 7: a ética da psicanálise* de Lacan. Como já dissemos, foi nesse seminário, e para falar de *das Ding*, que Lacan cria o neologismo *extimidade*. “O *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito”. (LACAN, 1959-60, p. 69). O primeiro exterior, o mais primitivo dos êxtimos, que balizará todo o movimento do sujeito em torno de seu mundo de desejos.

Lacan tenta situar *das Ding*:

[...] *das Ding* no centro, e em volta o mundo subjetivo do inconsciente organizado em relações significantes, para vocês verem a dificuldade de sua representação topológica. Pois esse *das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído. Quer dizer que, na realidade, ele deve ser estabelecido como exterior, esse *das Ding*, esse Outro pré-histórico impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob a forma de alguma coisa que é *entfremdet*, alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível do inconsciente, só uma representação representa (LACAN, 1959-60, p. 92).

Algo que está no âmago do eu, mas que é alheia a mim, está fora. Exterior íntimo: êxtimo. E toda a busca do sujeito vai à direção de reencontrar *das Ding*, a Coisa, o “Outro absoluto do sujeito” (*Ibid.*), esse “Outro pré-histórico inescrutável” (*Ibid.*, p. 70). A questão é que esse objeto é, desde o início, perdido: “(...) esse objeto, pois se trata de o reencontrar, nós o qualificamos igualmente de objeto perdido. Mas esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo” (*Ibid.*, p. 76). O sujeito vai em busca de encontrar aquilo que não pode jamais ser reencontrado. “Reencontramo-lo no máximo com saudade”. (*Ibid.*, p. 69). O reencontro com *das Ding* nós não

poderíamos suportar, seria o extremo do prazer, a própria morte. Heidegger nos define a morte de uma forma belíssima ao dizer que “A morte é o escrínio do Nada” (HEIDEGGER, 2002, p. 156). Ou seja, a morte guarda em seu cofre *das Ding*. Encontrar *das Ding* seria esbarrar com a morte. Mas é justamente a busca desse reencontro que move o desejo humano.

Trata-se para nós não apenas de aproximar *das Ding*, mas seus efeitos, sua própria presença no âmago da tramóia humana, ou seja, de se ir vivendo no meio da floresta dos desejos, e dos compromissos que os tais desejos estabelecem com uma certa realidade, seguramente não tão confusa quanto se pode imaginar (LACAN, 1959-60, p. 132).

Lacan situa *das Ding* num lugar anterior ao recalque, é o que ele chama, originalmente, de o “fora-do-significado” (*Ibid.*, p. 71). Pleno e vazio ao mesmo tempo, ou melhor, pleno de vazio. Ora, não seria este o lugar do real? Trata-se de uma “realidade muda” que comanda e ordena, vai dizer em outro momento. Realidade muda de significados, de significantes, árida, mas que, ao mesmo tempo, fornece todas as coordenadas e diretrizes.

[...] essa Coisa, o que do real - entendam aqui um real que não temos ainda que limitar, o real em sua totalidade, tanto o real que é o do sujeito, quanto o real com o qual ele lida como lhe sendo exterior - o que, do real primordial, diremos, padece do significante (*Ibid.*, p. 149).

“No horizonte, para além do princípio do prazer, delinea-se [...] *das Ding* [...]” (*Ibid.*, p. 93), lugar do para além, lugar do gozo. Um dos ouvintes do seminário de Lacan sobre a ética, ao ouvi-lo falar de *das Ding*, a compara com a função de um vacúolo. Termo da biologia, vacúolo é definido como um “espaço cheio de líquido incolor que se forma no protoplasma das células vegetais” (FERREIRA, 1986, p. 1748). É um espaço no interior de uma célula ao qual é vedado o acesso. Isso nada mais é que a definição de êxtimo.

No centro, *das Ding*, o real primitivo, pólo de atração gravitacional. Em volta, os infinitos objetos que o sujeito constrói para tentar recuperar o pleno primitivo. Como já dissemos, este reencontro é da ordem do insuportável, mas, como polo de atração, é ele que vai promover o movimento, o desassossego do sujeito em busca de seus desejos.

Aproveitando-se de Heidegger, Lacan, no seminário sobre a ética, ilustra a teorização da noção de *das Ding* servindo-se do exemplo do oleiro na cons-

trução de um vaso. A modelagem de um vaso acontece a partir do nada, “criação *ex-nihilo*”. O nada, o furo, o vazio do vaso é justamente o lugar onde se situa *das Ding*. As paredes e o fundo do vaso são as redes significantes modeladas pelo homem em torno do real hipotético que é a Coisa. A criação de um objeto, diz Lacan, pode ter a função de representar a Coisa, de marcar seu lugar, ao contrário de evitá-la. O vaso, portanto, tem essa função de trazer notícias sobre *das Ding*.

[...] como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo (LACAN, 1959-60, p. 153).

E não seria esse o objetivo de uma psicanálise? Isto é, a partir do desejo do analista possibilitar ao sujeito, enquanto oleiro, construir seu vaso utilizando-se de suas redes significantes em torno do vazio, do real primordial que é *das Ding*? Não é justamente *das Ding* que nos move na construção de nossa ficção, de nossa história enquanto sujeito desejante? Pois, “há uma identidade entre a modelagem do significante e a introdução no real de uma hiância, de um furo” (*Ibid.*). Nenhum vaso é igual ao outro, há uma identidade entre o vazio ocupado por *das Ding* e a costura dos significantes ali amarrados.

Onde está o mal?, pergunta Lacan, em certo momento de seu seminário. E ele responde:

Pode estar na Coisa dado que ela não é o significado que guia a obra, dado que tampouco é a matéria da obra, mas, dado que, no âmago do mito da criação ao qual está suspensa toda a questão [...] ela mantém a presença do humano. Trata-se, com efeito, da Coisa, ela dado ser definida por isto - ela define o humano, embora, justamente, o humano nos escape (*Ibid.*, p. 156-7).

Lacan define tanto a Coisa quanto o humano como sendo aquilo “que do real padece do significante” (*Ibid.*). O mal, portanto, está na Coisa, nisso que há de humano, nesse para além do princípio do prazer, no gozo. Não seria, então, a aproximação com o mal, isto que há de humano, tão meu e tão fora, tão êxtimo, o que possibilitaria ao sujeito se enveredar pelos caminhos de seu estilo, de sua singularidade?

Sabemos que o mal sempre foi algo rechaçado pela humanidade. Criam-se, a todo o momento, artimanhas para dele escapar, para se distanciar dessa Coisa assustadora. Dessa forma, Lacan (1959-60, p. 164) vai dizer que a arte caracteriza-se por uma organização em torno da Coisa, do vazio. A religião, por sua vez, busca a evitação do mal, apresentando um ser bom que é Deus para nos proteger da Coisa. Há aqui o deslocamento de *das Ding*. A ciência, por outro lado, prezando o saber absoluto, isto é, fixando-se no poder do simbólico, rejeita a presença do vazio, do real e trabalha com a forclusão da Coisa. E a psicanálise, o que faz com *das Ding*? Utiliza-a como fio condutor da trama do sujeito em busca de seu desejo? Como? Fazendo-a operador de uma busca, de um movimento que permita ao sujeito romper com o mesmo e inventar seu estilo? Acreditamos que a psicanálise, a partir do desejo do analista, pode propiciar ao sujeito contornar a Coisa. Como é isto? O sujeito que se dirige à Coisa, buscando reencontrar a satisfação plena, deve encontrar no meio do caminho um limite, a castração. E deve suportar esse limite, ou seja, suportar o desejo como falta radical para permanecer desejante. A psicanálise possibilitaria ao sujeito vislumbrar ou entrever o real a partir do parapeito da janela. Ao contrário do herói da tragédia que parece sempre ir além desse limite.

A história de Antígona, da tragédia grega, ilustra bem o encontro com a Coisa, este ir além do limite, ultrapassar o mais além do princípio do prazer. Antígona é filha de Édipo e Jocasta e está condenada à morte por lutar pelo funeral de seu irmão Polínices, morto num duelo com seu irmão Etéocles, que também morreu. O funeral de Polínices foi proibido por Creonte, o rei da cidade, porque ele era do exército inimigo. Ao lutar pelo funeral de seu irmão, Antígona ficou no “entre-duas-mortes” (*Ibid.*, p. 327). Ou ela morria em vida, cumprindo a determinação de Creonte e submetendo-se ao gozo do Outro, ou ela optava por seguir o seu desejo, fazer o funeral do irmão e pagar o preço com sua morte. Faz a opção de seguir seu desejo. Lacan nos diz que “[...] Antígona leva até o limite a efetivação do que se pode chamar de desejo puro, o puro e simples desejo de morte como tal. Esse desejo ela o encarna” (*Ibid.*, p. 342). Antígona encarna o desejo, ficando na história como o exemplo trágico do desejo absoluto.

Antígona se apresenta como autônomo, pura e simples relação do ser humano com aquilo que ocorre de ele ser miraculosamente portador, ou seja, do corte significante, que lhe confere o poder intransponível de ser o que é, contra tudo e contra todos (*Ibid.*, p. 341).

Ter *das Ding* como parceira nos torna desejantes, encontrá-la, nos mortifica. Dessa forma, “[...] o sujeito verdadeiro, para não dizer o bom sujeito, o sujeito do desejo, [...], não é nada além da Coisa, que é dele o que há de mais próximo, embora mais lhe escape” (LACAN, 1960, p. 662). Que possamos fazer de *das Ding* a companheira do sujeito desejante é o que se espera, pois, de uma psicanálise.

Gabriela de Freitas Chediak Seganfredo

gchediak@uol.com.br

Brasília-DF-Brasil

Daniela Scheinkman Chatelard

dchatelard@gmail.com

Brasília-DF-Brasil

Tramitação:

Recebido em 10/10/2013

Aprovado em 22/12/2013

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund (1919). *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

_____. (1925[1926]). *Inibição, sintoma e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 23).

_____. (1950[1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 1).

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v.1: as bases conceituais. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LACAN, Jacques. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959-60). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____. (1960). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. In:_____. _____. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1961-62). *O seminário, livro 9: a identificação*. Inédito.

_____. (1968-69). *O seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MILLER, Jacques-Alain. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós, 2010.